

STEVE SEM-SANDBERG

# Os destituídos de Łódź

*Romance*

*Tradução do sueco*  
Jaime Bernardes



Copyright © 2009 by Steve Sem-Sandberg  
Publicado originalmente na Suécia em 2009.  
Publicado mediante acordo com a Nordin Agency and SalmaiaLit.  
Os custos de tradução foram subsidiados pelo Swedish Arts Council.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
De fattiga i Łódź

*Capa*  
Sabine Dowek

*Foto de capa*  
<completar>

*Preparação*  
Ciça Caropreso  
Andrea Stahel Monteiro da Silva

*Revisão*  
Ana Maria Barbosa  
Luciana Baraldi

*Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sem-Sandberg, Steve  
Os destituídos de Łódź : romance / Steve Sem-Sandberg ; tradução do sueco  
Jaime Bernardes. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: De fattiga i Łódź.  
ISBN 978-85-359-2162-5

1. Ficção sueca I. Título.

12-10689

CDD-839.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura sueca 839.73

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

Memorando, 7

Prólogo: O presidente só (1<sup>o</sup>-4 de setembro de 1942), 11

1. Por trás dos muros (abril de 1940-setembro de 1942), 37

2. A criança (setembro de 1942-janeiro de 1944), 255

3. A última cidade (setembro de 1942-agosto de 1944), 311

4. Escuridão (agosto de 1944-janeiro de 1945), 523

Personagens, 572

Mapa do gueto de Litzmannstadt, 578

Algumas ruas do gueto, 579

Glossário, 581

Posfácio, 586

Agradecimentos, 594

# Memorando

*Łódź, 10 de dezembro de 1939*

*Confidencial*

*Ultrassecreto*

## CRIAÇÃO DE UM GUETO NA CIDADE DE ŁÓDŹ

Segundo estimativas confiáveis, cerca de trezentos e vinte mil judeus habitam hoje a cidade de Łódź. Não há condições de evacuar todos ao mesmo tempo. De acordo com uma pesquisa feita pelas autoridades competentes, concluiu-se que é impossível concentrar todos num único gueto. A questão dos judeus será resolvida provisoriamente da seguinte maneira:

1) Todos os judeus que moram ao norte da linha assinalada entre a rua Listopada, a praça Wolności e a rua Pomorska devem ser colocados num gueto fechado, de modo que, em primeiro lugar, possa se montar um forte centro alemão livre de judeus em volta da praça da Liberdade (Plac Wolności) e, em segundo lugar, que esse gueto abranja também as áreas do norte da cidade hoje já habitadas praticamente só por judeus.

2) Os judeus em condições de trabalhar que moram nas outras áreas de

Łódź devem ser reunidos em unidades especiais de trabalho e aquartelados em barracões, permanecendo sob forte vigilância.

Os preparativos para a execução desse plano devem ser realizados por um grupo de comando composto de representantes das seguintes entidades:

1. NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães);
2. Representação de Łódź na presidência do governo em Kalisz;
3. Departamentos de Habitação, Trabalho e Saúde da cidade de Łódź;
4. Polícia de Segurança;
5. Polícia Secreta;
6. Unidades da ss;
7. Departamentos de Indústria e Comércio;
8. Departamento Financeiro.

Além disso, devem ser tomadas as seguintes medidas preliminares:

1) Avaliação das providências necessárias para fechar ruas e montar barricadas que impeçam a entrada e a saída dos diferentes prédios etc.

2) Avaliação dos recursos necessários para manter forças alemãs de vigilância estacionadas ao longo dos limites do gueto.

3) Requisição, à prefeitura da cidade, do material necessário para o fechamento do gueto.

4) Diligências exigidas para manter algum serviço de saúde no gueto — principalmente para evitar epidemias —, providenciando remédios e equipamentos médicos.

5) Elaboração de regras, com o objetivo de manter o gueto limpo, livre de lixo e refugos, e de transportar os cadáveres para o cemitério judaico ou providenciar um novo cemitério dentro do próprio gueto.

6) Requisição da quantidade necessária de combustível para o gueto.

Assim que essas primeiras providências forem executadas e um número suficiente de guardas estiver disponível, estabelecerei uma data para o início dos trabalhos de montagem e organização do gueto, considerada efetiva tão logo os limites anteriormente estabelecidos passem a ser vigiados por guardas e as ruas sejam fechadas com arame farpado e outros tipos de barreira. Ao mesmo tempo, as fachadas dos prédios serão muradas, ou bloqueadas de outra maneira, por trabalhadores de dentro do gueto. No interior do gueto se estabelecerá uma administração autônoma judaica, que terá o Judeu Mais Velho (*Judenälteste*) como presidente de um amplo conselho judaico (*kehila*).

O Departamento de Alimentação da cidade de Łódź se encarregará de providenciar alimentos e combustível para o gueto. Os produtos serão transportados para lugares definidos e entregues à administração judaica. Em troca desses produtos, o gueto deverá fornecer mercadorias, estofos, tecidos e outros artigos similares. Dessa maneira, poderemos retirar dos judeus todos os objetos de valor que tenham escondido e acumulado.

As demais áreas da cidade devem ser vistoriadas, de modo que todos os judeus sem capacidade de trabalho sejam separados e recolhidos ao gueto, assim que for criado ou imediatamente depois. Os judeus capacitados devem ser agrupados em unidades especiais de trabalho e mantidos sob vigilância em barracões montados previamente pelas autoridades da cidade e pela polícia secreta.

Em relação ao que mencionei acima, deve-se concluir o seguinte: todos os judeus colocados nas unidades especiais de trabalho deverão morar nos barracões, fora do gueto. Aqueles colocados em barracões e que se mostrarem incapazes de trabalhar ou ficarem doentes deverão ser transferidos para o gueto. Os judeus residentes no gueto que continuarem em condições de trabalhar deverão ser aproveitados para trabalhos indispensáveis a seu bom funcionamento. Mais tarde, decidirei se será necessário transferi-los do gueto para os barracões destinados aos trabalhadores.

É claro que a organização do gueto é apenas uma medida temporária. Reservo-me o direito de decidir quando e de que maneira a cidade de Łódź será purificada de judeus. De qualquer forma, o objetivo final será sempre o de, uma vez por todas, extirpar esse abscesso contagioso.

assinado  
*O Comandante*

PRÓLOGO

O PRESIDENTE SÓ

(1<sup>o</sup>-4 DE SETEMBRO DE 1942)

Esse foi um dia que ficou marcado para sempre na memória do gueto, o dia em que o presidente, diante de todos, informou que nada pudera fazer senão deixar que levassem as crianças e os idosos. Na mesma tarde em que fez essa declaração, ele esteve em seu escritório da praça Bałuty, à espera de que a intervenção de um poder maior o salvasse. Ele já havia sido obrigado a deixar que levassem os doentes do gueto. Então, só haviam restado as crianças e os idosos. O sr. Neftalin, que horas antes mandara reunir novamente o Conselho, confirmara que todas as listas deviam estar prontas para ser entregues à Gestapo o mais tardar à meia-noite. Como explicaria a todos o quanto aquela perda lhe era imensa e terrível? *Nos sessenta e seis anos da minha vida não me foi concedida a graça de ser pai, e agora as autoridades exigem de mim que eu sacrifique todas as minhas crianças.*

Será que pelo menos alguma dessas autoridades pensou em como ele devia estar se sentindo naquele momento?

(“O que direi a eles?”, perguntou ao dr. Miller, quando o Conselho se reuniu naquela tarde. O dr. Miller esticou seu rosto consternado por cima da mesa; do outro lado, estava o juiz Jakobson, que olhou fixamente para ele. E os dois disseram ao mesmo tempo:

*Diga-lhes a verdade. Se não há nada mais a dizer, então o melhor é dizer-lhes a verdade.*



Mas como pode existir a Verdade, se não há Lei? E como pode haver Lei, se já não há Mundo?)

Com as vozes das crianças a caminho da morte ressoando na cabeça, o presidente estendeu o braço para apanhar o paletó que a srta. Fuchs, a seu pedido, pendurara num gancho da parede do barracão. Depois, enfiou a chave na fechadura, mas foi com muita dificuldade que conseguiu abrir a porta antes que as vozes sobreviessem de novo. Do outro lado da porta de seu escritório, porém, não havia nem Lei nem Mundo, apenas o que restara de seus assistentes pessoais: meia dúzia de serventuários exaustos pelas noites sem sono, tendo à frente a incansável srta. Fuchs, sempre impecável com sua camisa engomada e os cabelos penteados para trás e presos num coque no alto da cabeça.

Dirigiu-se a eles:

*Se o Senhor tivesse a intenção de deixar esta sua última cidade desaparecer, Ele teria me dito. Ou pelo menos teria enviado um sinal.*

Mas os assistentes do presidente limitaram-se a olhar para ele, sem compreendê-lo:

*Senhor presidente, disse um deles, já estamos uma hora atrasados.*

\*

O sol estava como costuma estar no mês de elul, como se estivesse próximo do Dia do Juízo Final, como que dardejando milhares de agulhas em nossa pele. O céu pesava como chumbo, sem a menor aragem. Uma multidão de mil e quinhentas pessoas estava amontoada a um canto do pátio, no quartel dos bombeiros. O presidente costumava fazer seus discursos ali. Antes, as pessoas vinham por curiosidade. Todas vinham escutar o presidente falar de seus planos para o futuro, da chegada próxima de novas remessas de comida e dos trabalhos a realizar. Mas nesse dia as pessoas não se reuniram ali porque estavam curiosas. A curiosidade não seria suficiente para tirá-las das filas nos depósitos de batatas e nos locais de distribuição de comida e levá-las ao pátio do quartel dos bombeiros. Ninguém veio ouvir as últimas notícias. As pessoas tinham vindo saber que

sentença recairia sobre suas cabeças, se a prisão perpétua ou — Deus, tenha piedade! — a condenação à morte. Pais e mães tinham vindo ouvir a sentença que recairia sobre a cabeça de suas crianças. Os idosos juntavam suas últimas forças para ouvir o que o destino lhes reservara. A maioria dos que ali se reuniam era formada por idosos, inclinados sobre suas bengalas ou amparados pelos braços dos filhos. Ou então jovens segurando os filhos pela mão. Ou ainda crianças sozinhas, sem ninguém.

Com a cabeça baixa, o rosto deformado pela tristeza, olhos inchados e vermelhos de tanto chorar, soluços contidos na garganta, todas essas mil e quinhentas pessoas reunidas no pátio — uma cidade, uma comunidade nos últimos momentos da sua existência — aguardavam sob o sol forte seu presidente e a desgraça que ele traria.

Józef Zelkowicz, *In jejne koskmarne teg*  
(Nesses dias de pesadelo, 1944)

\*

Naquela tarde, em que o presidente fez esse anúncio, o gueto todo estava nas ruas.

Apesar de os guardas terem mantido a maior parte da multidão à distância, alguns rapazes mais atrevidos conseguiram subir no coche. O presidente se recostara, sem força para continuar a agredi-los com a bengala, como costumava fazer. Era como se o tempo todo as más-línguas dissessem a suas costas que ele estava no fim, que seu tempo como presidente do gueto já passara. Depois, diriam que ele fora um falso *shofet* que tomara as decisões erradas, um *eved hagermanim* que de maneira nenhuma procurou o melhor para seu povo, mas apenas o poder e os ganhos pessoais.

No entanto, ele nunca fez nada que não fosse o melhor para o gueto.

Meu Deus, como podes me infligir tal tormento?, pensou.

Lá na frente, no pátio do quartel dos bombeiros, as pessoas se comprimiam debaixo do sol quente. Já deviam estar ali fazia horas. Assim que viram os guarda-costas, elas se atiraram sobre eles como um bando de animais selvagens. Um grupo de policiais formou uma linha de defesa na frente, armados com cassetetes que brandiam para todos os lados, a fim de manter a população recuada. Mas isso não bastou para afastar os rostos sarcásticos que surgiam na frente dos policiais.

Ficara decidido que Warszawski e Jakobson falariam primeiro, enquanto ele permaneceria na sombra da tribuna, para, na medida do possível, amenizar a dor provocada pelas palavras duras que seria obrigado a lhes dizer. No momento de subir no palanque improvisado, não havia sombra nenhuma, tampouco tribuna, apenas uma cadeira em cima de uma mesa bamba. O lugar que lhe atribuíram foi aquela oscilante estrutura, na qual teria de ficar de pé diante de uma massa de gente que zombaria dele e o apuparia no lado já sombreado do pátio. Sentia medo dessa massa sinistra e robusta, desse corpo que lhe era estranho. Precisamente assim, ele entendia agora, deviam ter se sentido também os profetas no momento em que enfrentaram seus povos: Ezequiel, que, em uma Jerusalém sitiada, *uma cidade ensanguentada*, falou da necessidade de limpar a cidade de toda a maldade e de todas as impurezas e colocou o sinal na testa daqueles que permaneceram fiéis à verdadeira fé.

Warszawski disse:

*Ontem, o presidente recebeu uma ordem para mandar embora mais de vinte mil pessoas [...] entre elas, todas as nossas crianças e todos os nossos idosos.*

*Nada é tão estranho como a mudança dos ventos do destino. Mas todos nós conhecemos o nosso presidente!*

*Todos sabemos o quanto de força, trabalho e saúde ele dedicou por muitos anos à educação das crianças judias.*

*E agora, entre tantas pessoas, vêm exigir DELE...*

\*

Muitas vezes ele imaginou ser possível conversar com os mortos. Apenas eles, que já se liberaram do confinamento, poderiam dizer se ele agira certo ou errado ao deixar partir aqueles que, de qualquer forma, não chegariam a outra vida.

Durante os primeiros tempos difíceis — mais especificamente quando as autoridades iniciaram as deportações —, ele pedira o coche para visitar o cemitério em Marysin.

Dias intermináveis de início de janeiro ou já em fevereiro, quando as planícies ao redor de Łódź, com suas imensas plantações de batatas e beterrabas, permaneciam envoltas em uma bruma pálida e úmida. Depois a neve enfim

derreteu e a primavera surgiu, e o sol mantinha-se tão baixo no horizonte que parecia banhar a paisagem em bronze. Todos os pormenores se destacavam na contraluz: os troncos rígidos das árvores em contraste com o fundo ocre dos prados, aqui e ali o reflexo púrpura de um lago ou de um regato, escondido atrás das ondulações da planície.

Naqueles dias ele ficava encolhido e imóvel no assento traseiro da carruagem, atrás de Kuper, cujas costas formavam um arco igual ao do chicote que ele mantinha nos joelhos e que usava com os cavalos.

Do outro lado da cerca estava um dos guardas alemães, ora imóvel em seu uniforme esverdeado de campanha, ora andando de um lado para o outro ao redor da guarita. Alguns dias, soprava um vento forte na planície e nas plantações, trazendo areia, terra e até pedaços de papel que voavam por cima da cerca e dos muros. E com o pó da terra vinha o cheiro acre do sulfito produzido pelas fábricas de Litzmannstadt,\* assim como o som dos cacarejos das aves e dos mugidos do gado das fazendas polonesas dos arredores. Ficava exposta, então, a arbitrariedade da cerca. Quase impotente, o guarda resistia ao vento sem trégua, que fazia voltear, com estalidos absurdos, a capa de seu uniforme.

Enquanto a areia e a terra turbilhonavam a seu redor, o presidente permanecia imóvel. E tudo aquilo que ele via e ouvia já não parecia afetá-lo.

Józef Feldman trabalhava na equipe de coveiros do cemitério de Baruk Praszkie. Por exigência das autoridades, ele trabalhava sete dias por semana, até mesmo no sabá, para enterrar os mortos. As covas que cavava não eram grandes, tinham setenta centímetros de profundidade por cinquenta de largura. O suficiente para caber um corpo. Mas, se pensarmos que no cemitério abriam-se duas mil, talvez três mil covas por ano, é fácil entender como seu trabalho era árduo, na maior parte do tempo com o vento e a terra solta mordiscando-lhe o rosto.

A partir do fim do outono, tornava-se impossível cavar. As covas para o inverno precisavam ser feitas no verão, por isso Feldman e os demais coveiros de sua equipe passavam o verão trabalhando com mais intensidade do que nunca. Durante o inverno, ele se retirava para seu “escritório”, a fim de descansar.

\* Nome pelo qual também era conhecido o gueto de Łódź. (N. T.)

Antes da guerra, Józef Feldman possuía uma pequena horta em Marysin. Em duas estufas plantava tomates, pepinos e legumes — repolho e espinafre. Vendia também cebolas e pacotinhos de sementes para plantar na primavera. No momento, suas estufas estavam vazias e desativadas, com os vidros quebrados. Józef Feldman passava o inverno numa modesta cabana, uma *stuga*, que antes lhe servia de escritório, ao lado de uma de suas estufas. Junto da parede dos fundos havia um catre de madeira rente ao chão. Havia também uma estufa a lenha, cujo cano de descarga de fumaça atravessava o vidro da janela, e um pequeno fogareiro a gás.

Oficialmente, todos os terrenos e pequenos lotes cultiváveis de Marysin pertenciam ao *Judenälteste* do gueto, que os arrendava conforme sua vontade. O mesmo acontecia com os terrenos que antigamente pertenciam a uma coletividade, como as *hachsharot* dos sionistas: vinte e um lotes contíguos, com longas fileiras de árvores frutíferas cuidadosamente podadas, nos quais os pioneiros do gueto outrora trabalhavam dia e noite; o kibutz de Borochoy — a fazenda meio decadente do Hashomer Hatzair, na rua Prózna, onde ainda se plantavam hortaliças; e a cooperativa do movimento juvenil Chazit Dor Bnej Midbar. Havia ainda as áreas atrás do antigo galpão de ferramentas — antes conhecido pelo nome de oficina Praszkie —, onde pastavam agora as poucas vacas leiteiras ainda existentes no gueto. Tudo isso pertencia ao presidente.

Mas, por algum motivo, o presidente não confiscara os bens do coveiro. Os dois conversavam muitas vezes no escritório de Feldman. O homem grande e o homenzinho. (Józef Feldman era bem baixo. Costumava-se dizer que quase não se via sua cabeça por cima das covas que ele cavava.) O presidente contava-lhe então seus planos de transformar a área em torno da horta de Feldman numa gigantesca plantação de beterrabas e de plantar árvores frutíferas na encosta que dava para a estrada.

Isto era uma coisa que com frequência se falava do presidente: no fundo, ele preferia a companhia das pessoas mais simples à dos rabinos e dos membros do conselho do gueto. Sentia-se muito melhor entre os judeus chassídicos do centro de ensino da rua Lutomierska ou entre judeus ortodoxos rudes mas profundamente crentes, que, enquanto lhes foi permitido, continuaram visitando o grande cemitério da rua Bracka. Lá permaneciam agachados durante horas entre os túmulos, com a cabeça coberta pelo xale e o rosto colado no livro de orações. Tal como ele, todos haviam perdido alguém ou algo —

uma esposa, um filho, um parente rico e disposto a ajudar com casa e comida quando a velhice chegasse. Era a mesma eterna *shokeln*, a mesma salmodia de sempre:

*Por que se oferece o presente da vida a quem sofre por amargura  
Para aquele que espera pela morte, sem que a morte chegue  
Para aquele cuja maior alegria seria encontrar seu túmulo  
Para aquele cujo caminho está envolvido pela escuridão:  
Aprisionado, subjugado por Deus?*

Dos visitantes mais jovens, ouviam-se sentimentos menos nobres:

— *Se Moisés tivesse nos deixado em Mitsraim, estaríamos tomando café no Cairo em vez de estarmos encerrados aqui.*

— *Moisés sabia o que estava fazendo. Se não tivéssemos abandonado Mitsraim, não teríamos sido abençoados pela Torá.*

— *E o que nossa Torá nos deu?*

— *Im ein Torah, ein kemach, ou seja, sem Torá, nada de pão.*

— *Estou absolutamente convicto de que, mesmo com a Torá, não teríamos pão nenhum.*

O presidente pagava a Feldman para que no inverno ele cuidasse de sua residência de verão, na rua Karola Miarki. Praticamente todos os membros do Conselho possuíam uma “residência de verão” em Marysin, além do apartamento no gueto, e alguns deles, segundo rumores, jamais a deixavam, como era o caso da cunhada do presidente, a princesa Helena, que, segundo diziam, só saía de lá se houvesse concerto na Casa da Cultura ou se algum empresário rico oferecesse um jantar para os *shpitsn* do gueto. Nessas ocasiões, ela sempre comparecia usando algum de seus muitos chapéus elegantes de grandes abas e levando alguns de seus pintassilgos favoritos num cesto de cânhamo. A princesa Helena colecionava pássaros no jardim em frente a sua casa em Marysin, onde, a seu pedido, seu secretário particular, o sr. Tausendgeld, homem de grande erudição, construía um enorme viveiro que abrigava nada menos que quinhentas espécies diferentes, muitas tão raras que jamais

tinham sido vistas antes naquela latitude, pelo menos não no gueto, onde muito raramente se viam outras aves além de gralhas.

O presidente evitava qualquer excesso. Até seus inimigos eram testemunhas da vida comedida que ele levava. Entretanto fumava muito, consumindo enormes quantidades de cigarro, e, quando trabalhava até mais tarde no escritório da praça Bałuty, não era raro beber uma ou duas doses de vodca.

Podia acontecer, então, até mesmo em pleno inverno, de a srta. Dora Fuchs telefonar do secretariado dizendo que o presidente estava a caminho. Feldman já sabia que precisava pegar seus baldes de carvão e fazer uma caminhada até a rua Miarki para acender a estufa. E, quando o presidente chegava, mal se equilibrando nas pernas, sempre reclamava de que estava frio e úmido dentro de casa. E ainda cabia a Feldman pôr o velho na cama para dormir. Eram poucos os que, como Feldman, estavam familiarizados com todas as alterações de humor do presidente e que conheciam os oceanos de ódio e de cobiça que se escondiam sob o mutismo de seu olhar e sob o sarcasmo de seu sorriso amarelado pelo fumo.

Feldman cuidava ainda da Casa Verde, na esquina da rua Zagajnikowa com a rua Okopowa. A Casa Verde era o menor e o mais afastado dos seis lares para órfãos que o presidente montara em Marysin, e com frequência era lá que Feldman ia encontrá-lo sentado e encolhido no coche de Kuper, em frente da cerca que separava o parque infantil do resto do jardim.

Era evidente que o velho sentia tranquilidade ao contemplar as brincadeiras das crianças.

*As crianças e os mortos.* Seu horizonte era limitado. Ambos consideravam apenas aquilo que tinham diante dos olhos. Não se deixavam envolver pelas intrigas dos vivos.

Os dois falavam da guerra. Ele e Feldman. Sobre o poderoso Exército alemão, que parecia continuar se expandindo em todas as frentes, e sobre os judeus da Europa, perseguidos e obrigados a viver aos pés do temível Amalek. O presidente confessou que tinha um sonho. Ou melhor: dois sonhos. Falava abertamente do primeiro, era o sonho do Protetorado. O segundo, ele reservava a alguns poucos privilegiados.

Sonhava, dizia ele, em poder demonstrar às autoridades o quanto os trabalhadores judeus eram competentes, de modo que, de uma vez por todas,

elas se convencessem a ampliar o gueto. Assim, outras áreas de Łódź seriam incorporadas a ele. E, quando a guerra terminasse, as autoridades finalmente seriam obrigadas a reconhecer que o gueto era um lugar *especial*. Ali reinaria a felicidade dos diligentes. Ali se produziria como nunca se produziu em lugar nenhum. E todos ganhariam com os trabalhos realizados pela população encarcerada de Litzmannstadt. Quando, por fim, reconhecessem isso, os alemães transformariam o gueto num protetorado dotado do mesmo status que as áreas da Polônia anexadas pelo Reich: um Estado livre judaico, sob autoridade alemã, onde a liberdade tivesse sido conquistada honestamente, através de um trabalho árduo.

Esse era o sonho do Protetorado.

No outro, o sonho secreto, ele está na proa de um grande navio de passageiros a caminho da Palestina. O barco deixa o porto de Hamburgo, depois de ele, em pessoa, liderar a saída do gueto. Exatamente quem, além dele, faz parte dessa elite autorizada a emigrar, o sonho não esclarece. Mas Feldman entende que a maioria eram crianças. Crianças das escolas profissionalizantes e dos orfanatos do gueto, crianças cujas vidas o próprio presidente salvou. Ao longe, uma costa delinea-se no horizonte: descolorida pelo sol, com uma fileira de casas brancas beirando o mar e dominada por suaves colinas que, imperceptivelmente, se misturam com o branco do céu. Ele sabe que ali fica Eretz Israel, mais precisamente Haifa. Mas não dá para distinguir bem. Tudo se confunde: o deque do barco, o céu ofuscante e o mar pálido e ondeante.

Feldman confessou que tinha dificuldade em conciliar esses dois sonhos. O sonho de um gueto ampliado e transformado num protetorado e o sonho de um êxodo para a Palestina... O presidente respondeu, como sempre, que o objetivo dependia dos meios, que era preciso ser realista, que era necessário estar atento às oportunidades que se apresentavam. Após tantos anos, já estava familiarizado com a maneira de ser e de pensar dos alemães. E também já conseguira estabelecer relações de confiança com muitos deles. De uma coisa, no entanto, ele tinha certeza absoluta. Toda vez que acordava e se lembrava de ter tido aquele sonho, sentia o peito inchar de orgulho. Independentemente do que viesse a acontecer a ele e ao gueto, jamais abandonaria seu povo.

No entanto, foi isso, precisamente, o que acabou fazendo.